

A stylized profile of a human head facing left, filled with horizontal bands of rainbow colors: red, orange, yellow, green, and blue. The head is set against a teal background with white geometric lines forming a large 'V' shape.

# Homocultura e as Novas Formas de Ler a Sociedade

Christopher Smith Bignardi Neves  
(Organizador)



# Homocultura e as Novas Formas de Ler a Sociedade

Christopher Smith Bignardi Neves  
(Organizador)

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

| <b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)<br/>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b> |  |
|---|--|
| H768  | Homocultura e as novas formas de ler a sociedade [recurso eletrônico] / Organizador Christopher Smith Bignardi Neves. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.<br><br>Formato: PDF<br>Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader<br>Modo de acesso: World Wide Web<br>Inclui bibliografia<br>ISBN 978-85-7247-744-4<br>DOI 10.22533/at.ed.444190611<br><br>1. Homocultura. 2. Homossexualidade – Aspectos sociais.<br>I. Neves, Christopher Smith Bignardi.<br><br>CDD 306.76 |
| <b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>   |  |

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Ilustre leitor e leitora, essa obra que vos apresento é uma construção coletiva, feita por várias mentes brilhantes que se dedicaram para produzir esses textos que reflete parte de seus conhecimentos. O resultado é um livro transdisciplinar, elabora por especialistas sensíveis a temática, esse volume engloba as áreas da educação, da saúde e do direito.

O termo Homocultura, aborda mais do que diversidade cultural e sexual, associa o discurso teórico e político a uma consciência histórica. As investigações sobre a Homocultura, foram intensificadas no Brasil no início do terceiro milênio, estimuladas pelas discussões proporcionadas por Mário César Lugarinho e José Carlos Barcellos. A Homocultura proporciona novos comportamentos sociais, intervenções e ações, que refletem em discussões, tais como: os direitos homoafetivos; a homoparentalidade, as identidades homoeróticas; a relação etnia-sexualidade, entre outras possibilidades.

Coube a mim o desafio de compilar esta obra que, estabelecerá certamente um diálogo com a sociedade. Esse livro além do fator teórico, apresenta um fator político, uma vez que os pesquisadores abordam temas relacionado as sexualidade, gêneros, machismos e etnias, constituídos socialmente como um tabu. Os esforços destes vinte e cinco pesquisadores, refletem um exercício de alteridade, posicionam-se no lugar outro, para nos apresentar novas perspectivas de análise.

Para diminuir algumas limitações teórico-metodológicas as contribuições dos autores e das autoras estão agrupadas em seções, de modo que a primeira seção abordará ensaios teóricos que fornecem embasamentos para a compreensão do tema Homocultura, permeando pelas Ciências Sociais, pela Psicologia e pelo Direito; a seção seguinte apresenta estudos empíricos, agrupados pelas áreas da Saúde, das Ciências Sociais, do Direito, e da Educação, que foram desenvolvidos na região sudeste, norte e nordeste do país.

Iniciamos o livro com o estudo bibliográfico realizado por *Vinicius Santos* (Capítulo 1) nos faz refletir sobre a constituição de uma Esfera Pública LGBT, para tanto o autor faz uma digressão acerca da democracia deliberativa apoiando-se em dezenas de teóricos das Ciências Sociais. O estudo bibliométrico de *Juliana Costa* e *Elaine Fernandez* (Capítulo 2), que direciona a pesquisa para a relação lesbianidades e prostituição sexual, as autoras encontraram no portal Capes, três teses e quatro dissertações defendidas entre os anos de 2003 e 2012, o que possibilita discorrer sobre a pouca produção científica existente. *Paola Cantarini* (Capítulo 3) contribui ao discorrer sobre o Estado Democrático de Direito, a autora relaciona a arte e o direito a partir do sociólogo Boaventura de Sousa Santos, seu artigo aborda um direito democrático e transgressor. A mesma autora (Capítulo 4) expõe a necessidade do resgate de um vínculo transcendental das instâncias sociais, onde o Direito aplica novas interpretações da sociedade, adotando os princípios da proporcionalidade, de modo interdisciplinar agregando os saberes do Direito, da Filosofia e da Arte.

Abordando as mulheres encarceradas *Yohana Monteiro* (Capítulo 5) tece um breve panorama sobre a realidade dos presídios, ponderando que estes espaços de dominação sob a égide do panóptico, vigia e estigmatiza cada vez mais a mulheres negras e pobres.

A segunda seção desta obra apresenta tênues subdivisões. As abordagens da Saúde iniciam-se no estudo de *Rosângela Vera* (Capítulo 6), que inclui as lentes das Ciências Sociais para apresentar os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres residentes em uma comunidade quilombola, localizada no interior do Maranhão, que sofrem com a ausência de políticas públicas de saúde. *Severino Leão, Elzomar Freire e Karoline Dias* (Capítulo 7) identificam que a cultura machista reflete na falta de cuidado com a saúde masculina, identificam que perdura entre os homens o preconceito relacionado ao exame do toque retal, e, através de uma campanha educativa incentivaram centenas de pacientes a realizar o procedimento para identificar a neoplasia. Através da 12ª Jornada Nordestina de Cidadania Plena LGBT, ocorrida em Picos (PI), *Glauber Macedo, Martha Sousa, José Sobreira e Paulo Souza Junior* (Capítulo 8), tecem reflexões que abordam temas relacionados aos processos decoloniais e política públicas para a população LGBT e em especial à saúde de pessoas Trans. Por meio do mesmo evento. Sob a ótica do Direito e das Ciências Sociais, *José Moraes, Geane Borges, Samuel Hora e Wendy Moraes* (Capítulo 9) produzem um diálogo com o leitor, e também, com quatro entrevistados que participaram do referido evento.

A última seção retrata os artigos sobre a educação, neste espectro Máira Sarmanho e Roosyelma Santos (Capítulo 10) desenvolvem pesquisa acerca de gênero e sexualidade nas percepções dos professores e estudantes de uma escola pública de Bélem (PR). *Luiz Luz e Ana Rufino* (Capítulo 11) entendem a dificuldade em discutir no ambiente escolar as questões de gênero e sexualidade, buscam em teóricos queer uma explanação para que se efetive essa prática na educação infantil. As reflexões de *André Barbosa, Angela Venturini e José Freitas* (Capítulo 12) visam contribuir para criação de um pensamento descolonizado, por se enquadrar numa Instituição de Ensino Superior, os autores refletem sobre sua identidade, formação e local de fala. Encerrando o livro, encontra-se o artigo de *Fernanda Webering e André Barbosa* (Capítulo 13), inquerem treze pró-reitores de uma universidade federal a respeito de cultura, política e prática de inclusão, constatando a invisibilidade das pessoas trans no meio acadêmico.

Pensar e repensar conceitos e pré-conceitos pode ser viabilizado por meio desta obra, que anseio contribui para que vocês, leitores e leitoras, possam utilizá-las em suas atribuições sobre cultura e modos de coligir o mundo.

Christopher Smith Bignardi Neves

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....  | <b>1</b>  |
| POR UMA ESFERA PÚBLICA LGBT: DE J.HABERMAS A NANCY FRASER  |           |
| <a href="#">Vinícius Barriga dos Santos</a>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.4441906111</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....  | <b>12</b> |
| LESBIANIDADES E PROFISSIONAIS DO SEXO: DIALOGANDO SOBRE RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS E TRABALHO  |           |
| <a href="#">Juliana Mazza Batista Costa</a>  |           |
| <a href="#">Elaine Magalhães Costa Fernandez</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.4441906112</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....  | <b>25</b> |
| A ARTE E AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL - A LUTA POR UM DIREITO EMANCIPATÓRIO E TRANSGRESSOR   |           |
| <a href="#">Paola Cantarini Guerra</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.4441906113</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....  | <b>36</b> |
| MANIFESTAÇÃO DA RELIGIOSIDADE NO DIREITO E NA FILOSOFIA – PERSPECTIVA CRÍTICA DOS DIREITOS HUMANOS E DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS                     |           |
| <a href="#">Paola Cantarini</a>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.4441906114</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....  | <b>52</b> |
| GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE: A DISCUSSÃO SOBRE AS MULHERES PRESIDARIAS DO INSTITUTO PENAL FEMININO (IPF)  |           |
| <a href="#">Yohana Tôrres Monteiro</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.4441906115</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....  | <b>59</b> |
| ANÁLISE INTERSECCIONAL DAS EXPERIÊNCIAS DE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DE MULHERES DE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS DO INTERIOR MARANHENSE |           |
| <a href="#">Rosângela de Sousa Veras</a>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.4441906116</b>   |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....  | <b>68</b> |
| O DIA D DOS HOMENS A NÃO ADESÃO AO TOQUE RETAL E PREVENÇÃO DO CÂNCER DE PRÓSTATA E A IMPORTÂNCIA DO ENFERMEIRO                                     |           |
| <a href="#">Severino Francisco de Souza Leão</a>   |           |
| <a href="#">Elzomar Mendonça Freire</a>  |           |
| <a href="#">Karoline Mirapalheta Dias</a>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.4441906117</b>   |           |

|  |            |
|--|------------|
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....  | <b>76</b>  |
| POPULAÇÃO LGBT E O DIREITO À SAÚDE: ESTRATÉGIAS DECOLONIAIS DA MILITÂNCIA TRANS JUNTO À PREVENÇÃO COMBINADA DAS IST/HIV/AIDS E DESIGUALDADES NO ACESSO ÀS POLÍTICAS PÚBLICAS NA 12ª JORNADA LGBT DE PICOS-PI |            |
| Glauber Bezerra Macedo   |            |
| Martha Virna de Sousa  |            |
| José Thiago Bezerra Sobreira   |            |
| Paulo Fernando Mafra de Souza Junior   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.4441906118</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....  | <b>88</b>  |
| O SONHO DA COR DO ARCO-ÍRIS E A HOMOFOBIA NO CAMINHO DE VIDAS  |            |
| José Borges de Moraes  |            |
| Geane Maria de Alencar Arrais Borges   |            |
| Samuel do Nascimento Hora  |            |
| Wendy Gonçalves Borges de Moraes   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.4441906119</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....   | <b>117</b> |
| DISCUTINDO GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FORMAL: TECENDO CAMINHOS PARA O RESPEITO À DIVERSIDADE SEXUAL  |            |
| Máira Bianca Sodré da Silva Sarmanho   |            |
| Roosyelma Priscilla Neves dos Santos   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.44419061110</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....   | <b>128</b> |
| DESCONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO: AS DIVERSAS PRODUÇÕES COTIDIANAS DE PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA TRABALHAR AS QUESTÕES DE GÊNEROS E SEXUALIDADES NA ESCOLA  |            |
| Luiz Otavio Ferreira da Luz  |            |
| Ana Daniela dos Santos Rufino  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.44419061111</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....   | <b>141</b> |
| A DINÂMICA INCLUSÃO/EXCLUSÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO NO CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA DO INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO E O PENSAMENTO DESCOLONIZADO                                   |            |
| André Luiz dos Santos Barbosa  |            |
| Angela Maria Venturini   |            |
| José Guilherme de Oliveira Freitas   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.44419061112</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....   | <b>148</b> |
| POLÍTICAS INTERNAS DA UFRJ PARA COMBATER O PRECONCEITO COM AS PESSOAS TRANS  |            |
| Fernanda Iglesias Webering   |            |
| André Luiz dos Santos Barbosa  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.44419061113</b>  |            |
| <b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....   | <b>153</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....  | <b>154</b> |



## LESBIANIDADES E PROFISSIONAIS DO SEXO: DIALOGANDO SOBRE RELAÇÕES AFETIVO- SEXUAIS E TRABALHO

**Juliana Mazza Batista Costa**

Universidade Federal de Pernambuco

Recife - Pernambuco

**Elaine Magalhães Costa Fernandez**

Universidade Federal de Pernambuco

Recife - Pernambuco

**RESUMO:** Este estudo é parte de uma tese de doutorado em andamento no PPGPsi da UFPE que visa compreender as experiências de lesbianidades de mulheres profissionais do sexo. Considera-se o pressuposto que as experiências de prostituição são diversas e que as lesbianidades podem assumir formas plurais de identidades, desejos e práticas entre mulheres. Parte-se do debate da sexualidade dissidente, dos enlaces das lesbianidades e da prostituição, para enfim abordar questões que envolvem as relações afetivo-sexuais e de trabalho. A partir da revisão sistemática da literatura foram construídas tabelas para sistematizar os trabalhos encontrados no catálogo de teses e dissertações da CAPES. Através dessa sistematização pode-se compreender de que modo as produções científicas nas graduações e pós-graduações do país tem elaborado trabalhos sobre lesbianidades e prostituição. Evidenciou-se os silenciamentos e as invisibilidades teóricas sobre as experiências dessas mulheres pois nenhum

trabalho, a partir da revisão sistemática da literatura, abordou essa temática. Estabeleceu-se um diálogo sobre o campo a partir dos estudos de sexualidade, gênero, lesbianidades e trabalho sexual. Foram abordadas questões identitárias, sobre as práticas e as experiências afetivo-sexuais nas relações de trabalho e fora delas. Buscou-se criar reflexões no campo das lesbianidades e da prostituição para visibilizar essas experiências e construir espaços de transformação, perspectivando experiências permeadas de mais direitos e de menos marginalidade e invisibilidade para estas mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** lesbianidades; lésbicas; prostituição; profissionais do sexo; sexualidade dissidente; revisão sistemática da literatura.

### LESBIANITY AND SEX WORKERS: SPEAKING ABOUT AFFECTIVE-SEXUAL RELATIONS AND WORK

#### 1 | INTRODUÇÃO

A temática deste capítulo se inscreve no campo da sexualidade, objetiva compreender experiências de lesbianidades de mulheres profissionais do sexo, em particular, seus vínculos afetivo-sexuais com parceiras e

trabalho com clientes. Objetiva também realizar um diálogo com a literatura, partindo de uma revisão sistemática do cruzamento dos campos das lesbianidades com a prostituição; assim como estabelecer um debate teórico nesses campos. Os resultados aqui apresentados foram obtidos através dos estudos da tese de doutorado, em andamento, realizada por Juliana Mazza Batista Costa, sob a orientação da Professora Elaine Magalhães Costa Fernandez e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CONEP) da UFPE sob o número CAAE: 11523319.2.0000.52.

No leque dos estudos sobre as sexualidades, pode-se afirmar que as diversas formas de lesbianidades envolvem vivências afetivas, sexuais e desejos que vão de encontro à norma heterossexual (BUTLER, 2003; RICH, 2010); e a prostituição se refere a um tipo de trabalho sexual que se opõe às normas morais da sociedade ocidental (FOUCAULT, 1988; PARKER, 1991). Nesse sentido, devemos nos dispor a refletir e questionar as opressões, preconceitos e invisibilidades para compreender as fissuras, resistências e rupturas de mulheres que com suas práticas e existências, cotidianamente, tensionam, questionam e sofrem as sanções inerentes as normas.

No diálogo com as relações de gênero, a filósofa Judith Butler (2003) defende que “gênero é a estilização repetida da norma, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (p.59). E afirma também, que “gêneros inteligíveis são aqueles que, em certo sentido, instrumentam e mantem relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejos” (p.38). Gênero é entendido, então, como uma norma, como um conjunto de elementos construídos e regulados socialmente.

Qualquer um(a) que venha a sair da norma está sujeito, assim, a sofrer as sanções decorrentes do não respeito à essa regulação. Àquelas que em seu aparato biológico tem o sexo feminino, deve se entender como uma mulher, ter práticas sexuais com homens e desejá-los; já os que possuem o sexo biológico masculino, devem se entender como homens, ter práticas sexuais com mulheres e desejá-las. Seria esta a norma heterossexual, ou heteronormatividade, implicada nas identidades, nas orientações sexuais, em práticas e desejos, construindo, regulando e punindo o que for não-normativos.

Desse modo, foram normatizados também os desejos (polígamo, incesto consentido, sexo grupal, sexo intergeracional, homossexualidade), os prazeres (Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo (BDSM), prazer anal, sexo com objetos), as práticas (como o sexo entre mulheres, sexo comercial - prostituição, pornografia), e as identidades (como as identidades não-normativas: lésbicas, gays, transexualidades, intersexo, queer, as não-binárias). Há também as que são consideradas práticas ilegais que se configuram como crimes (pedofilia, zoofilia, incesto).

Ou seja, as lesbianidades e a prostituição se configuram como sexualidades consideradas ilegítimas, dissidentes. Sendo esta temática pouco conhecida

cientificamente e essas vivências invisibilizadas, se torna necessário maior conhecimento e mais estudos sobre mulheres lésbicas profissionais do sexo, buscando compreender a intersecção dessas experiências e tornando-as confluentes diante de uma mesma existência. Faz-se relevante adentrarmos nos debates teóricos que compreendem os dois campos e promover o diálogo entre eles. Assim, cabe interrogarmos sobre a abordagem científica das lesbianidades no trabalho sexual.

## 2 | REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE LESBIANIDADES E PROSTITUIÇÃO

Ao se fazer uma busca pela literatura científica produzida no campo, nos reportamos ao portal do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ([www.catalogodeteses.capes.gov.br](http://www.catalogodeteses.capes.gov.br)). Trata-se de um site que indica as produções que estão sendo publicadas em diversas áreas e disponibiliza muitos desses trabalhos em acesso livre.

Uma das estratégias para encontrar a literatura afim é definir os indexadores que serão inseridos no sistema do catálogo ou biblioteca virtual e que servirão de busca para cada trabalho. Ao buscar os indexadores, acaba-se por descobrir de que modo as produções científicas apresentadas são nomeadas, ou seja, indexadas. Um dos procedimentos consiste em encontrar trabalhos e sistematizá-los de modo a conhecer e analisar o material encontrado na busca, ou seja, realizar a revisão sistemática da literatura (MEDRADO, 2011). A Tabela 1 apresenta os resultados das buscas, foram inseridos alguns indexadores e o resultado por tipo de trabalho:

| INDEXADORES                   | TESES | DISSERTAÇÕES | MESTRADO<br>PROFISSIONAL | PROFISSIONALIZANTE |
|-------------------------------|-------|--------------|--------------------------|--------------------|
| Lesbianidade                  | 7     | 18           | 1                        |                    |
| Lesbianidades                 | 2     | 20           | 1                        | -                  |
| Lésbicas                      | 109   | 321          | 18                       | 3                  |
| Lésbica                       | 18    | 72           | 1                        | -                  |
| Homossexualidade AND Feminina | 6     | 28           | 4                        | -                  |
| Sapatão                       | 1     | 9            | -                        | -                  |
| Entendida                     | 1474  | 3992         | 200                      | 103                |
| Prostituição                  | 138   | 535          | 11                       | 8                  |
| Profissional AND do AND Sexo  | 5     | 30           | 2                        | 1                  |
| Profissionais AND do AND sexo | 37    | 165          | 13                       | 9                  |
| Prostituta                    | 28    | 118          | 1                        | -                  |

|                            |    |    |   |   |
|----------------------------|----|----|---|---|
| Garota AND de AND Programa | 3  | 9  | - | - |
| Putas                      | 11 | 21 | - | - |

TABELA 1 – Tabela de Indexadores por número de trabalhos

Fonte: produzida pelas autoras.

Após encontrar esses resultados e organizá-los, pode-se afirmar que os indexadores “lésbica” e “prostituição” são os mais encontrados em todas as categorias – exceto “profissionais do sexo”, na categoria mestrado profissional, por uma diferença de dois trabalhos. Desse modo, é possível afirmar que no campo das produções científicas os termos “lésbicas” e “prostituição” merecem destaque. A busca é feita a partir das palavras apresentadas no título e no resumo dos trabalhos inseridos no *site*, desse modo, há possibilidade de selecionar o mesmo trabalho em mais de uma busca. Vale ressaltar a diferença no resultado de trabalho com apenas os indexadores no singular e no plural, ou mesmo, palavras que venham a aparecer em trabalhos que sejam distantes do campo, como no caso do indexador “entendida”.

Outra etapa consiste em realizar o cruzamento dos indexadores na perspectiva de aproximar ainda mais a busca dos trabalhos que se propõe encontrar. No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES o termo AND (apenas em maiúsculo) foi o recurso para encontrar os trabalhos que possuam os dois indexadores. A Tabela 2 apresenta esses resultados:

| INDEXADORES  | TESES | DISSERTAÇÕES | MESTRADO PROFISSIONAL | PROFISSIONALIZANTE |
|--|-------|--------------|-----------------------|--------------------|
| Lésbicas AND prostituição                                    | 3     | 3            | -                     | -                  |
| Lesbianidades AND prostituição                               | -     | -            | --                    | -                  |
| Lésbica AND profissionais AND do AND sexo                    | -     | -            | -                     | -                  |
| Lésbicas AND prostitutas                                     | -     | 1            | -                     | -                  |
| Lésbicas AND garota AND de AND programa                      | -     | -            | -                     | -                  |
| Sapatão AND profissional AND do AND sexo                     | -     | -            | -                     | -                  |
| Sapatão AND prostituta                                       | -     | -            | -                     | -                  |
| Sapatão AND garota AND de AND programa                       | -     | -            | -                     | -                  |
| Homossexualidade AND feminina profissionais AND do AND sexo  | -     | -            | -                     | -                  |
| Homossexualidade AND feminina AND prostituta                 | -     | -            | -                     | -                  |
| Homossexualidade AND feminina AND garota AND de AND programa | -     | -            | -                     | -                  |

Tabela 2 - Tabela de cruzamento de Indexadores

Fonte: produzida pelas autoras.

A partir do cruzamento dos indexadores, nota-se que apenas sete trabalhos envolvem esses dois indexadores com uma lacuna temporal de nove anos - de 2003 até 2012, o que parece ser de bastante relevância. Assim, identificar de que forma se apresentam os silenciamentos científicos é uma etapa importante da revisão da literatura. Foucault (1971) aponta a produção discursiva como sendo “controlada, selecionada, organizada e redistribuída” (p. 9). É preciso lembrar que fazer ciência é um ato político de relevância para a experiência, as práticas e a vida de mulheres, assim, o que a ciência não aborda, o que não se torna evidente, o que não interessa, o que está na margem se apresenta em situação de silenciamento, invisibilidade e exclusão.

Na continuidade da revisão sistemática da literatura, foram organizadas as produções a partir da categoria “ano de publicação”. A partir desta categoria, novas informações serão adquiridas sobre a quantidade de produções por ano, tipo de produção (mestrado, doutorado, mestrado profissional e profissionalizante), as temáticas centrais nos trabalhos, a região do país na qual a pós-graduação está inserida e a área do conhecimento do estudo, como indica a Tabela 3, a seguir:

| Ano da Produção                  | Quantidade | Tipo de Produção | Temática Central          | Região da Pós-Graduação no País | Área do Conhecimento |
|----------------------------------|------------|------------------|---------------------------|---------------------------------|----------------------|
| <b>Lésbicas AND Prostituição</b> |            |                  |                           |                                 |                      |
| 2003                             | 1          | Mestrado         | Travestis                 | Norte                           | Sustentabilidade     |
| 2012                             | 1          | Doutorado        | Travestis                 | Sudeste                         | Psicologia           |
| 2014                             | 1          | Mestrado         | Travestis e Transexuais   | Sul                             | Geografia            |
| 2015                             | 1          | Doutorado        | Travestis                 | Sudeste                         | Psicologia           |
| 2016                             | 1          | Mestrado         | Travestis                 | Sudeste                         | Educação             |
| 2017                             | 1          | Doutorado        | Dramaturgia               | Nordeste                        | Literatura e Cultura |
| <b>Lésbicas AND Prostitutas</b>  |            |                  |                           |                                 |                      |
| 2015                             | 1          | Mestrado         | Violência contra a mulher | Sudeste                         | Psicologia           |

TABELA 3 – Tabela da revisão sistemática da literatura

Fonte: produzida pelas autoras.

As produções estão bem equilibradas entre mestrado e doutorado, contudo, há uma hegemonia nos trabalhos sobre a transexualidade e a travestilidade. Em muitos destes trabalhos o indexador “lésbicas” aparece dentro da sigla LGBT, o que anteriormente foi percebido na considerável diferença entre os indexadores lésbica e lésbicas na Tabela 1. Assim, se apresenta um consistente debate sobre a letra T (travestis, transexuais e transgêneros) e a prática da prostituição. Ao buscar pelos indexadores nos trabalhos, destaca-se dois exemplos de como são trazidos nos resumos:

Tracei a história de vida de oito travestis com características diversas: cor de pele, classe social, origem geográfica, escolaridade, inserção no ativismo LGBTT (*lésbicas*, gays, bissexuais, travestis e transexuais). Além disso, porque a *prostituição* é parte importante do cotidiano de violências das travestis brasileiras, as colaboradoras desta pesquisa têm trajetórias profissionais distintas: algumas são profissionais do sexo e vivem da profissão, outras foram profissionais do sexo e agora exercem outras profissões e há quem nunca atuou como profissional do sexo (BUSIN, 2015, p.13).

Esta dissertação tem por objetivo geral conhecer os debates existentes acerca das sexualidades na educação, tangenciados pelo movimento *Lésbicas*, Gays, Bissexuais e Travestis e transexuais (LGBT). (...) Os dados demonstram que o sistema educacional amapaense não está politicamente comprometido com as demandas escolares das travestis. Decorre desse não comprometimento sistemático um agravamento das violências que compromete as trajetórias escolares desses sujeitos, impulsionando – as para a atividade de *prostituição* nas “pistas”, ou seja, nas ruas da capital Macapá (CRUZ, 2016, p.9).

Outro elemento a ser analisado consiste na região do país em que as produções se concentram. Nota-se que apenas duas referências não são trabalhos de pós-graduações do eixo sul/sudeste. Talvez fossem necessários outros elementos para construir argumentos sobre essas produções, contudo, é histórica a diferença em incentivo e no quantitativo de graduações e pós-graduações no país por região. Já a Psicologia é a área do conhecimento de três destes trabalhos e percebe-se as preocupações da Psicologia com relação a violência, estigmas e a heteronormatividade.

Apesar dos indexadores “lésbicas” e “prostituição”, nota-se que os trabalhos encontrados não tratam diretamente do debate que se propõe este capítulo. Desse modo, se faz relevante estabelecer um diálogo com outras literaturas para visibilizar essas experiências objetivando promover a transformação do campo das lesbianidades e da prostituição.

### 3 | LÉSBICAS E PROFISSIONAIS DO SEXO EM DEBATE

Se a homossexualidade é definida pela prática de sexo – acompanhada ou não de afeto – com alguém da mesma configuração sexual biológica, como essa característica pode se tornar uma identidade e ser exteriorizada? Como dizer ao mundo que “sou diferente” ou que pertencço a determinado grupo, se as práticas que definem esse grupo são privadas e subjetivas? O sexo é praticado – sob as penas da lei – na intimidade de quatro paredes e o afeto e o sentimento subjetivo são impalpáveis (GOMIDE, 2007, p.406).

A tentativa de definição do que sejam as lesbianidades tornou-se um desafio na contemporaneidade. A maioria das(os) autoras(es) busca definir as lesbianidades pelas bordas dessas experiências e dessas identidades. Pela definição do Ministério da Saúde o termo “Lésbica” designa mulheres que se identificam como mulheres e se relacionam sexual e afetivamente com outras mulheres. Palavra de que se origina no latim *lesbius*, em referência a ilha de Lesbos, na Grécia, onde habitou Safo –

séculos VI e VII a.C. – poetisa que falava sobre o amor e a beleza das mulheres (BRASIL, 2013).

Críticas são feitas às definições que apontam as lésbicas como mulheres com práticas afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo. Essa definição não possibilita pensar e incluir as mulheres transexuais. Há também definições que entendem lésbicas como “mulheres que amam mulheres” ou “mulheres que se relacionam com mulheres”. “A lesbiana - essa mulher que ‘tomou uma mulher como amante’<sup>1</sup> - *logrou* resistir o imperialismo do amor nessa esfera de sua vida” (CLARKE, 1988, p.99). A mesma autora traz ainda:

Historicamente, a cultura ocidental chegou a identificar as lésbicas como mulheres que, através do tempo, têm uma série e variedade de relações sexuais/sentimentais com mulheres. Eu mesma identifico a uma mulher como lésbica quando ela me diz que é lésbica. O lesbianismo é um reconhecimento, um despertar, um re-despertar da paixão das mulheres pelas mulheres. As mulheres, através das épocas, lutaram e foram mortas antes de negar essa paixão (CLARKE, 1988, p.100)

Condiciona-se a identidade ao amor a uma parceira. O amor é um sentimento que pode envolver essas relações, mas todos os outros sentimentos devem ser considerados na definição da identidade. As mulheres não são apenas afetuosas, pacíficas, necessitando de uma união para serem completas. Lésbicas também fazem *pegação*, sexo sem compromisso, cometem violência nas suas relações, ficam solteiras, o que podemos pensar que o amor entre mulheres não define a complexidade destas experiências (COSTA, 2013). A identidade, portanto, é “uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estrutura discursiva e narrativa” (SILVA, 2000, p.96-97). Silvia Gomide (2007) aponta que não são apenas as práticas sexuais que garantem uma identidade lésbica:

Mulheres que vivem cotidianos compartilhados com outras mulheres; que se vêem subitamente apaixonadas por suas melhores amigas; que não têm atração por homens; que adoram homem para o sexo, mas preferem a companhia feminina no dia-a-dia ou que simplesmente desejam loucamente fazer sexo com outras mulheres. Tantas são as possibilidades do desejo quanto as respostas possíveis para os questionamentos íntimos que assolam as subjetividades femininas neste aspecto (GOMIDE, 2007, p.406).

Alguns debates questionam até que ponto essas mulheres são subjetivamente marcadas pelo machismo e pelo patriarcado. Diferentes abordagens buscam responder por que essas mulheres “casam no primeiro encontro”, “sempre se tornam amigas das ex”, “se relacionam com a ex da sua ex” – entendido como uma corrente de relações em que lésbicas ficam umas com as outras, o chamado rebuceteio lésbico – na construção identitária das lesbianidades. A autora Monique Wittig (1980) afirma que “seria incorreto dizer que as lésbicas se associam, fazem amor, vivem com mulheres, pois “mulher” tem significado apenas em sistemas de pensamento

heterossexuais e em sistemas econômicos heterossexuais. As lésbicas não são mulheres” (p.6).

Gláucia Almeida e Maria Luiza Heilborn (2008) apontam para a complexidade da construção identitária das mulheres lésbicas, afirmando que as relações sexuais com mulheres não são o único elemento para a construção identitária, mas sim, múltiplos símbolos na construção dessas mulheres. Muitas mulheres podem não se identificar como lésbicas, não por terem práticas afetivo-sexuais com homens, mas sim por rejeitar os outros símbolos da construção dessa identidade. Desse modo, pode-se tomar o caminho inverso, afirmando que mulheres com práticas afetivo-sexuais com homens, também podem se identificar como mulheres lésbicas.

Adrienne Rich (2010) nomeia como heteronormatividade compulsória a norma social que vai compulsoriamente enquadrando, produzindo e normatizando mulheres na heterossexualidade, e assim se afastando da possibilidade de desejos, afetos e companhias plurais. Diante destas partilhas, a lesbianidade vai de encontro a heteronormatividade, sendo assim um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, podemos percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência, deixando longe a ideia sobre a heterossexualidade como algo inato. “Ao reconhecer que para muitas mulheres a heterossexualidade pode não ser uma “preferência”, mas algo que tem sido imposto, administrado, organizado, propagandeado e mantido por força” (RICH, 2010, p.35).

Gayle Rubin (2003) aponta para um sistema de hierarquias de valores, que avaliam os atos sexuais, estando os casais heterossexuais casados e reprodutivos se encontrando no topo da pirâmide erótica trazida por ela. “[...] Casais lésbicos e gays estáveis, de longa duração, estão no limite da respeitabilidade, mas sapatões de bar e homens gays promíscuos estão pairando um pouco acima do limite daqueles grupos que estão na base da pirâmide” (p.16). Estando na base da pirâmide “transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos, e abaixo de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais” (p.16).

Um estigma extremo e punitivo mantém alguns comportamentos sexuais como baixo status e é uma sanção efetiva contra aqueles que as praticam. [...] Todas essas hierarquias de valor sexual – religiosos, psiquiátricos e populares – funcionam em muito da mesma maneira como os sistemas ideológicos do racismo, etnocentrismo, e chauvinismo religioso. Eles racionalizam o bem-estar do sexualmente privilegiado e a adversidade da plebe sexual (RUBIN, 2003, p.16-17).

Como já anunciado, considera-se de extrema relevância compreender as heterogeneidades e pluralidades das identidades lésbicas, apesar da importância de uma identidade política que tenha uma certa unidade. Deste mesmo modo, considera-se as pluralidades na prostituição o que nos conduz a debates teóricos que confrontem e dialoguem com os dois campos. Prostituição é atividade que se insere



no leque de trabalhos sexuais. Trabalhos sexuais são trocas de serviços sexuais, produtos ou performances, ou seja, “trocas econômico-sexuais” entre adultos e com consentimento. Podem ser trabalhos em que haja interação direta entre as pessoas (prostituição, massagem), ou por estimulação sexual indireta (strip-tease, foto, vídeo).

São vivências sexuais que envolvem afetos, desejos, práticas afetivas e relações de trabalho. “Conhecida como a profissão mais antiga do mundo, a prostituição se apresenta como uma atividade provocadora e desconcertante para a sociedade” (BRASIL, 2002, p.11). A prostituição não deve ser entendida como uma prática historicamente estática, como um objeto naturalizado e invariante, presente como o mesmo fenômeno em diferentes épocas e sociedades. Considera-se um erro acreditar que essas mulheres são todas iguais e que as práticas e experiências são as mesmas (FONSECA, 1996; LEGARDINIER, 2009).

Nas sociedades ocidentais a prostituição esteve, em longo processo histórico, marcada por visões ambíguas: rejeição, segregação, mas também tolerância em relação aos locais de prostituição e prostitutas. A interpretação funcional predominou no senso comum e em distintas áreas do conhecimento que consideraram este um fenômeno de certa forma integrado à instituição do casamento. O apelo à justificativa de que seria um “mal necessário” à integridade e à virgindade das moças de família, sustentou a moral sexual vigente (MORAES, 2014, p.119).

Prostitutas não seriam moças de boa família e nem a elas seria reservado o lugar social desta, “uma ameaça à lógica do ordenamento social, ao suscitar ideias de transgressão e liberdade” (MORAES, 2014, p.119). A casa e a família estão reservadas à sexualidade domesticada, reprodutora, sendo a rua “um espaço fundamentalmente masculino, habitado talvez por putas e pecadoras, mas certamente não por esposas corretas e mães” (PARKER, 1991, p.157).

Entretanto, ao mesmo tempo que se investigavam e documentavam intensamente os perigos da prostituição, a existência dela era permitida, embora com relutância, como mal necessário. Era interpretada como um efeito colateral de um instinto sexual incontrolável, que fazia parte da constituição orgânica, se não de todas as mulheres, de todos os homens (PARKER, 1991. 128).

Não se pode deixar de compreender essa perspectiva política e social que envolve a sexualidade em um sistema de normas e regras com a experiência da prostituição e da construção subjetiva dessas mulheres. Além de se referir a uma sexualidade controlada, essa perspectiva se insere em outro ponto convergente entre capitalismo e sexualidade: a prostituição é um trabalho. “Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, serão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro” (FOUCAULT, 1988, p.10). A partir disso, podemos pensar, nestes “circuitos de produção” da sexualidade, espaços urbanos que são marcados pela segregação.

As regras urbanas são normas imbuídas de cunho simbólico, principalmente quanto a moral. Essas regras buscam regular uma padronização de comportamento

urbano, associada a uma noção de “civilidade” dada pela adoção de certa linguagem corporal. Por essa razão, a repressão da prostituição na cidade é e foi regulada por normas ligadas a constrições ao corpo (HELENE, 2014, p.114).

Separar prática e desejo é um desafio para estas mulheres? Seria o sexo uma prática afetiva e prostituição um ofício decorrente de um trabalho? Olivar (2011) aponta uma distinção para mulheres profissionais do sexo entre fazer sexo e fazer programa. Sexo estaria vinculado para as mulheres ao amor, seriam acontecimentos pontuais, ou seja, fazer programa era outra coisa, “aquilo que acontecia com vinte, trinta ou quarenta clientes num dia podia ser qualquer coisa menos sexo. E talvez devesse acontecer em tal quantidade para lembrar-nos que não era sexo” (p.94). A ênfase é dada nas pesquisas encontradas sobre as relações mulher-prostituta e homem-cliente, invisibilizando outros arranjos.

Danieli Machado Bezerra (2012) contribuiu com o campo fazendo um estudo sobre a experiência de mulheres profissionais do sexo que se intitulam “entendidas”. Dessa rica experiência, alguns aspectos foram possíveis de serem reconhecidos. Importante destacar que este se apresenta hoje como o único estudo que abarca os dois campos. Ela aponta a fala de uma das interlocutoras:

Sou entendida e minha mulher tem um ciúme tão grande de mim; ela sabe que eu venho aqui [...] e fica contente quando eu chego com o dinheiro para ela poder comprar o leite dos meninos. Ela é entendida também e nos entendemos. Entende essa parte quando eu levo o dinheiro. Só é estressante a hora do ciúme, ela acha que posso gostar de algum macho por aqui [...] eu nem imagino nada disso (BEZERRA, 2012, p.78).

Essa fala nos aponta para várias questões, inclusive sobre aspectos muito íntimos da relação afetivo-sexual entre mulheres e a prostituição, outra interlocutora diz: “Me dá um nojo! Eu não gosto de penetração. Eu só penso em minha mulher que tá lá em casa, cuidando do meu filho. Só penso nela. Eu amo ela” (BEZERRA, 2012, p.66). A identidade lésbica ou mesmo as lesbianidades não abarcam as relações afetivo-sexuais com homens, sejam elas por trabalho ou não. Assim, essas vivências afetivas excluem parte das experiências vividas no trabalho sexual, e o trabalho exclui parte das vivências afetivo-sexuais dessas mulheres. Desse modo, esse relato provoca reflexões sobre desejos e práticas distintas nas vivências afetivas e de trabalho, bem como, nos leva a pensar sobre a conjugalidade dessas mulheres.

De que modo as invisibilidades das mulheres lésbicas e os armários - como espaços simbólicos e estratégicos de esconder as orientações sexuais não heteronormativas - se materializam na construção dessas práticas afetivas e de trabalho? Seria necessário para o estabelecimento da relação com o cliente uma negação da lesbianidade, sua invisibilidade? Se tornariam elas mais vulneráveis à violência estando com clientes cientes desta identidade?

As amigas de Ly atendem entre três e quatro homens por dia. Ela, apenas um ou dois. “Sou fraca e sem talento”, brinca. Ly não divulga seu trabalho em sites ou redes sociais. A maioria dos contatos acontece por indicação dos próprios clientes. «Eles acham o máximo comer uma lésbica. A pergunta que ouço sempre

depois de ter transado é se ainda gosto de mulher. Com um sorriso de canto de boca, respondo que continuo gostando ainda mais!». Fico curiosa sobre isso, quero saber se ela finge orgasmos. «Como ninguém! Sou uma excelente atriz. Os lubrificantes ajudam.» (MARQUES, 2018, Blog da Morango [blog]).

Estas questões são ilustradas através de postagens do site Blog da Morango, anunciado como “um espaço para falar de amor, sexo, comportamento feminino e feminismo com leveza e humor. Tudo sob o olhar de uma mulher esperta, que gosta de mulheres tão espertas quanto ela!”

As experiências afetivo-sexuais e de trabalho também se tocam no cerne da Saúde Sexual dessas mulheres. Tem-se debates diametralmente opostos para os dois campos aqui em diálogo. Com relação a lesbianidades, existe um desinvestimento das Políticas de Prevenção e Promoção de Saúde Sexual, desde formas eficientes de prevenção para IST's até atendimento médico adequado para compreender essas práticas. Não existe nenhum método ou insumo para prevenção de troca de secreções vaginais em sexo oral entre mulheres ou para tribadismo - posição sexual entre mulheres em que as vaginas se encostam. A estas questões são sugeridos preservativos masculinos cortados ou mesmo películas plásticas como forma de prevenção. Mulheres lésbicas e bissexuais precisam e tem Direitos à prevenção em Saúde que deem conta de suas necessidades e especificidades. Diz-se haver menos risco de contaminação por IST's por serem práticas sexuais que provoquem menos fissuras, contudo, sabemos que isso não é razão para que elas não se infectem. Elas são historicamente invisíveis no campo as Saúde Sexual.

Ainda nos anos 1980, com a aparição do HIV, as políticas relacionadas à Aids tiveram a atenção direcionada para as práticas sexuais entre homossexuais masculinos e havia uma crença de que as mulheres homossexuais eram vulneráveis à infecção. Isso permitiu que houvesse uma invisibilidade das mulheres lésbicas e bissexuais nas políticas públicas de saúde, no que diz respeito à prevenção de DST e de HIV (RUFINO, 2014, p.15).

Em relação à prostituição, o HIV ganha destaque. As profissionais do sexo foram e são alvo de estigmas com relação à infecção, assim como são população chave nas políticas de saúde sexual. Vistas como vulneráveis e multiplicadoras da infecção, e em risco, foram alvo desde o início da epidemia da HIV/AIDS, e ainda são. Há uma vasta literatura a respeito do HIV/AIDS e profissionais do sexo, contudo, uma escassez, às mulheres bissexuais, mulheres que fazem sexo com mulheres, no debate sobre a prevenção, seja no trabalho sexual ou nas relações afetivas.

#### **4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Questões relacionadas à identidade de mulheres lésbicas, orientação sexual, corpos e desejos, tipos de vínculos, família e parentesco, espaços onde a prostituição acontece, territórios onde estas mulheres se inserem e se localizam constituem campos de saberes relevantes que devem ser provocados e estudados.

Dessa forma, se faz essencial explorar tais pontos e vivências a partir de um olhar científico sobre a sexualidade. Além de abrir novas perspectivas para reflexões, este capítulo busca lançar a problemática das lesbianidades em profissionais do sexo no campo da psicologia como ciência e profissão, ou seja, atrelada às práticas profissionais associadas à sexualidade. Este campo ao ser melhor definido, irá proporcionar experiências permeadas de mais direitos e de menos marginalidade e invisibilidade para estas mulheres.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gláucia; HEILBORN, Maria Luiza. Não somos mulheres *gays*: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero** - Nuteg, v. 9, n. 1, p. 225-249, jan./jun. 2008.

BEZERRA, Danieli Machado. **Prostitutas entendidas**: um estudo sobre profissionais do sexo lésbicas. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Mulheres lésbicas e bissexuais: direitos, saúde e participação social** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Coordenação Nacional de DST e Aids. **Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da aids** / Secretaria de Políticas de Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids. – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BUSIN, VALÉRIA M. **Morra para se libertar**: estigmatização e violência contra travestis. 2015. 290 f. - Tese (Doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, ed. Civilização Brasileira, 2003.

CLARKE, Cheryl. El lesbianismo: Um acto de resistência. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (eds.). **Esta puente, mi espalda**. San Francisco: Ism Press, Inc., p.99-107, 1988.

COSTA, Juliana Mazza Batista. **Do lilás ao roxo: violência nos vínculos afetivo-sexuais entre mulheres**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

CRUZ, Elioneide Cardoso. **Educação e Travestilidades, no foco: trajetórias escolares das travestis e em situação de “pista” na cidade de Macapá**. Rio de Janeiro, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

FONSECA, Claudia. A Dupla Carreira da Mulher Prostituta. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 7, jan. 1996.

FOUCAULT, Michael. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Editora Loyola, 1971.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

GOMIDE, Silvia. Formação da identidade lésbica: do silêncio ao queer. In: **Conjugalidade, parentalidade e identidade lésbicas, gays e travestis**. Org. Mirian Pillar Grossi, Anna Paula Uziel e Luiz Mello – Rio de Janeiro: Gramond, 2007.

HELENE, Diana. A invenção do jardim Itatinga: a segregação urbana da prostituição In: SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R. S.; MORAES, Aparecida Fonseca. (Org). **Prostituição e outras formas de amor**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

LEGARDINIER, Claudine. Verbete: Prostituição I. In: HIRATA, Helena *et all*. **Dicionário Crítico do Feminismo**. Editora Unesp, 2009.

MARQUES, Ana Angélica Martins. Lésbica, mãe e garota de programa In MARQUES, Ana Angélica Martins. **Blog da Morango**, 2018. Consultado em 10.08.2019. Disponível em: <<https://blogdamorango.blogosfera.uol.com.br/2018/04/27/lesbica-mae-e-garota-de-programa/?cmpid=copiaecola>>

MEDRADO, Benedito et al. Literatura científica sobre gravidez na adolescência como dispositivo de produção de paternidades. In: TONELI, Maria Juracy; 129 MEDRADO, Benedito; TRINDADE, Zeidi; LYRA, Jorge (Org.). **O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para gravidez na adolescência**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011.

MORAIS, Aparecida Fonseca. Corpos normalizados, corpos degradados: os direitos humanos e as classificações sobre a prostituição adulta e jovem. In: SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R. S.; MORAES, Aparecida Fonseca. (Org). **Prostituição e outras formas de amor**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

OLIVAR, José Miguel Nieto. Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo , v. 26, n. 75, p. 89-101, Feb. 2011 .

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller. 1991.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas – estudos gays: gênero e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010.

RUBIN, Gayle. “Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade”. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

RUFINO, Andreia. Políticas Públicas para a Saúde de Lésbicas no Brasil. (In): BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Relatório da Oficina Atenção à Saúde de Mulheres Lésbicas e Bissexuais realizada em Brasília de 23 a 25 de abril de 2014 – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.**

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

WITTIG, Monique. **O Pensamento Hetero**. 1980.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES** - é natural de Londrina, interior do Paraná. É Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá e Tecnólogo em gestão de Turismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Com tripla Especialização na área de educação, sendo: Gestão Escolar (Instituto Superior do Litoral do Paraná); Questão Social pela Perspectiva Interdisciplinar (UFPR - Setor Litoral), e, Coordenação Pedagógica (UFPR). Mestre em Turismo pela Universidade Federal do Paraná (com bolsa CAPES). Se aperfeiçoou em Gênero e Diversidade na Escola. Cursa mestrado em Gestão e Direção de Equipes, pela Escola Nacional de Negócios de Barcelona (ENEB). Atualmente é Servidor na Prefeitura Municipal de Paranaguá, exercendo a função de Coordenador Pedagógico, desenvolveu atividades na UFPR como Professor Formador e Tutor a Distância nos anos de 2015 e 2016 na Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, no ano de 2012 atuou como Professor no Instituto Federal do Paraná nos cursos de Organizador de Eventos e Monitor de Recreação. Participou de edições do Encontro Nacional Universitário de Diversidade Sexual e da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. Tem apreço pelas artes homoeróticas e queer, em especial pelo cinema e literatura. Realiza pesquisas principalmente nas seguintes áreas: História da homossexualidade; Movimento LGBT; Turismo LGBT; Consumo LGBT e outras relacionadas a não-heterossexualidade.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aids 22, 23, 30, 62, 63, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 87

### B

Boaventura de Sousa Santos 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35

### C

Cidadania 29, 30, 63, 66, 78, 79, 82, 84, 97, 116, 125

Ciências 1, 11, 29, 31, 32, 35, 36, 58, 59, 67, 88, 94, 117, 122, 144, 147, 150, 153

Colonial 59, 65, 82, 88, 89, 91, 99, 107, 122, 146

Colonialidade 32, 33, 82, 86, 99, 141, 142, 143, 145, 146

Colonialismo 26, 29, 145

Constituição 1, 2, 9, 10, 20, 30, 41, 43, 49, 50, 51, 60, 76, 79, 82, 103, 115, 122, 124, 126, 136, 137, 145

Corpo 21, 61, 63, 65, 81, 88, 92, 93, 95, 96, 97, 99, 101, 103, 104, 107, 109, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 123, 124, 130, 131, 134, 139

Cultura 16, 18, 24, 33, 56, 61, 69, 70, 72, 73, 78, 82, 85, 96, 97, 102, 104, 116, 119, 121, 126, 129, 138, 147, 148, 150, 151

### D

Decolonial 76, 77, 86, 116, 141, 146

Democracia 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 25, 29, 30, 32, 35, 39, 42, 46, 51, 65

Democrático 3, 4, 5, 6, 7, 8, 29, 30, 39, 40, 41, 42, 43, 48

Direito 1, 7, 8, 10, 19, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 58, 59, 60, 63, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 88, 92, 93, 100, 101, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 116, 118, 122, 124, 125, 131, 144

Discriminação 55, 78, 79, 80, 83, 85, 91, 106, 108, 118, 121, 122, 124, 125, 126, 131

Diversidade 2, 26, 27, 65, 66, 76, 83, 85, 87, 117, 118, 119, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 138, 139, 148, 153

### E

Educação 16, 17, 23, 53, 56, 58, 70, 72, 73, 78, 80, 82, 83, 85, 88, 96, 97, 117, 118, 119, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 146, 147, 148, 151, 152, 153

Epistemologia 25, 26, 27, 29, 33, 35

Escola 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 138, 139, 145, 153

Esfera pública 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 41

Estado 5, 6, 7, 8, 30, 32, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 48, 51, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 72, 76, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 92, 98, 104, 106, 117, 122, 124, 125, 126, 127, 140

Exclusão 2, 9, 16, 29, 30, 36, 38, 39, 49, 55, 82, 106, 119, 121, 122, 125, 135, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 152

## F

Foucault 13, 16, 20, 23, 25, 27, 28, 29, 34, 35, 55, 58, 116, 121, 127, 132, 133, 134, 135, 139

## G

Gays 13, 17, 19, 23, 24, 77, 78, 83, 87, 118, 124

Gênero 12, 13, 23, 24, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 100, 104, 106, 109, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 151, 152, 153

## H

Habermas 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 40, 46, 51

Heteronormatividade 13, 17, 19, 124, 128, 136, 139

Heterossexuais 2, 19, 105, 136

Heterossexual 13, 90, 118, 122, 126

Heterossexualidade 19, 24, 119, 121, 126, 136, 139, 153

Hiv 22, 76, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 87

Homofobia 2, 79, 80, 82, 87, 88, 92, 103, 104, 107, 109, 116, 139, 140

Homossexuais 22, 79, 80, 82, 101, 103, 104, 105, 106

Homossexual 88, 103, 106, 116, 122

Homossexualidade 13, 14, 15, 17, 78, 101, 105, 106, 131, 153

## I

Identidade 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 27, 65, 79, 81, 91, 104, 106, 118, 120, 121, 130, 134, 139, 140, 144, 145, 149

## J

Jurídico 26, 27, 29, 30, 37, 39, 40, 41, 42, 47, 49

## L

Lesbianidades 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 22, 23

Lésbicas 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 77, 78, 83, 87, 101, 118, 124

LGBT 1, 2, 3, 9, 10, 16, 17, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 100, 101, 102, 104, 106, 107, 109, 114, 118, 119, 121, 122, 125, 126, 153



## M

Masculino 13, 19, 20, 53, 56, 57, 69, 70, 71, 74, 120, 136, 142, 143, 144, 145, 149, 151  
Minorias 1, 2, 3, 9, 10, 36, 78, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 116

## N

Negra 52, 54, 60, 64, 65, 108  
Negro 55, 60, 65, 81

## P

Poder 2, 5, 7, 8, 9, 10, 21, 28, 30, 31, 35, 41, 43, 48, 49, 50, 55, 58, 65, 84, 85, 89, 94, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 110, 111, 113, 114, 115, 120, 121, 129, 130, 132, 135, 141, 142, 143, 145, 146, 147  
Política 3, 4, 5, 6, 8, 11, 19, 20, 24, 25, 27, 29, 31, 33, 34, 39, 42, 49, 60, 61, 62, 74, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 93, 99, 100, 108, 110, 125, 136, 139, 146, 147, 150, 151  
Política pública 60, 61, 150  
Preconceito 55, 75, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 89, 98, 99, 100, 103, 109, 113, 114, 121, 124, 126, 137, 148, 151  
Princípio da proporcionalidade 36, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51  
Prostituição 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24

## R

Raça 35, 52, 54, 60, 64, 66, 76, 81, 91, 93, 95, 101, 105, 106, 120, 130, 132, 143, 145, 150  
Racismo 19, 53, 55, 57, 64, 82, 93, 108, 116

## S

Saúde 17, 22, 23, 24, 53, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 106, 117, 124, 150  
Sexual 12, 13, 14, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 96, 100, 103, 105, 108, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 132, 134, 136, 138, 139, 153  
Sexualidade 12, 20, 23, 24, 52, 54, 56, 60, 61, 62, 63, 66, 76, 78, 80, 82, 83, 86, 87, 99, 101, 104, 106, 109, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 145, 149, 152  
Sociedade 2, 5, 6, 7, 10, 13, 20, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 38, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 64, 68, 69, 74, 75, 78, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 109, 114, 115, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 132, 134, 136, 142, 143, 145, 147, 151

## T

Trans 34, 76, 77, 78, 82, 83, 85, 86, 127, 144, 148, 149, 151

Travestis 16, 17, 19, 23, 24, 77, 78, 82, 84, 86, 87, 118, 126

## V

Violência 16, 17, 18, 21, 23, 48, 49, 78, 79, 82, 83, 84, 86, 87, 89, 91, 95, 100, 104, 108, 109, 115, 116, 118, 119, 124, 125, 126

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-744-4



9 788572 477444